

RELATIVIZAÇÃO INDISPENSÁVEL

Metodologia Científica em Ciências Sociais, de Pedro Demo. Editora Atlas. 255 páginas, Cr\$

Vamireh Chacon

PEDRO Demo é um tecnocrata com formação humanista.

Graduou-se pela Faculdade de Filosofia dos Franciscanos em Curitiba e em Sociologia pela Universidade de Saarbruecken, República Federal da Alemanha, onde também se doutorou. Ensinou Metodologia da Pesquisa na PUC/Rio, na pós-graduação de Sociologia do IUPERJ/Faculdades Cândido Mendes e na pós-graduação de História na Universidade Federal Fluminense. Trabalhou no IPEA/IPLAN.

Atualmente leciona na Universidade de Brasília e exerce as funções de secretário-geral adjunto do Ministério da Educação e Cultura.

Demo sempre teve senso prático, conseguindo a façanha de aliar as condições de professor e pesquisador mais agora as de executivo educacional.

Seu livro denota estes traços.

Não opta expressamente por nenhuma metodologia, embora conclua com uma frase sintomática: "Não temos grande resposta, exceto na linha da Escola de Frankfurt, que tenta sugerir que a Lógica Formal é também uma expressão cultural, gerada e condicionada no tempo".

Acrescentando, em seguida, indiretamente Ernst Bloch: "A utopia da novidade absoluta, embora utópica, faz parte integrante de nossa realidade finita. A História só produz coisas históricas, mas é incessante em seu dinamismo produtivo. A História sem utopias é maquiavélica e desprezível".

Paralá chegar, Pedro Demo percorre um itinerário útil aos leitores em geral e aos estudantes em especial.

Demarca o método e o objeto da ciência; desmonta por dentro o argumento de autoridade; demonstra as limitações da neutralidade axiológica; parte para o que seleciona como "abordagens relevantes", desde a dialética à funcionalista e sistêmica, passando pela estruturalista. Aponta as raízes de Popper no nominalismo e fenomenalismo, muito além do mero "neopositivismo" como querem rotular.

Na tipologia das revoluções, Demo leva adiante sua inovação em livros deste tipo no Brasil, apesar dos conceitos terem sido antes levantados nas fontes. Admite a "revolução conservadora", característica dos que imaginam ser possível fazer uma revolução "antes que o povo a faça", abordando-a ao nível puramente metodológico.

Outras dimensões polêmicas reemergem ao longo do seu texto. Seria enfadonho enu-

merá-las, deixemos o registro da sua coragem, num ambiente universitário que se aferra com frequência a lugares comuns rotulados de inovações. Nas palavras do autor: "Envolver uma teoria com o manto da verdade é atribuir-lhe uma característica não realizável historicamente. Nada mais é prejudicial ao processo científico que o apego a enunciados evidentes, não discutíveis".

Para Pedro Demo, a metodologia chega a brotar de mais fundo, além da necessidade operacional: "O homem sente a necessidade de teorizar. Faz ciência pensando na necessidade de explicar as coisas". A atitude metodológica aberta começa a se tornar problemática quando tenta absolutizar o conceito de abertura, de tal forma que sua ação se esgote na mera contestação teórica e produza o homem incapaz de qualquer ação, porque este seria por sua vez criticável. Estaríamos, então, diante do mero intelectual de gabinete, que não suja as mãos com a prática, já que toda prática trai a teoria. Pior que isto, teríamos o metodólogo sem metodologia, já que a opção metodológica incorreria em crítica".

Pouco adiante, Demo insinua outra dimensão da sua posição metodológica pessoal: "uma visão dialética do funcionalismo", algo próxima de Ralf Dahrendorf, que tenta uma perspectiva funcionalista da dialética. Nas palavras deste último: "Minha tese é que a missão constante, o sentido e efeito dos conflitos sociais concretizam-se ao manter e fomentar a evolução das sociedades nas suas partes e no seu conjunto".

Toda esta abrangência metodológica desemboca num humanismo democrático: "A luta pela verdade, pela democracia, pela sociedade igual, em obra nunca de todo realizável, é a própria razão de ser do processo histórico e científico". Mas, "Nenhum país realiza a democracia, mesmo que cada um deles ideologicamente apregoe a sua democracia como a única razoável". Tanto na ciência, quanto na política, "Esta relativização é fundamental; diríamos mais: é a alma da ciência, é o critério mais importante, hoje, da demarcação científica, porque significa a crítica autocrítica".